

MERCANTILIZAÇÃO DE CORPOS INFANTIS: IMPACTOS PSICOEMOCIONAIS E SOCIAIS EM MENINAS VÍTIMAS DE EXPLORAÇÃO SEXUAL NA ILHA DO MARAJÓ

Eixo temático: Direito e Relações Jurídicas na Amazônia

Autoras: Alana Rabelo Silva da Rocha; Ana Gabriela Damasceno Faria
Graduandas do curso de Psicologia do CESUPA

Orientadora: Emylly Caldas
Docente do curso de Psicologia do CESUPA

Palavras-chave: Exploração sexual infantil. Impactos psicoemocionais e sociais. Ilha do Marajó.

Introdução

O presente trabalho aborda a significativa ocorrência de comercialização de corpos infantis femininos na Ilha do Marajó. Embora essa prática seja antiga e tenha sido noticiada em várias redes televisivas, ela não ocorre de forma hegemônica, pois depende do contexto e do período histórico (Levy & Mendonça, 2022). No cenário atual e não urbano, é fundamental considerar não apenas os fatores históricos e culturais que envolvem essa questão, mas também os impactos psicoemocionais e sociais que essa prática gera no desenvolvimento das meninas chamadas "balseiras". Segundo a Declaração de Estocolmo (1999), a exploração sexual é uma das piores formas de trabalho, pois viola os direitos fundamentais das crianças (Pinto & Vieira, 2018). Apesar disso, muitas meninas permanecem nessa situação devido à vulnerabilidade em que se encontram, refletindo desigualdades sociais históricas e contribuindo para a normalização da violência.

O Arquipélago do Marajó abriga os municípios mais pobres do Pará e do Brasil (Castro & Maués, 2018), onde a prostituição infantil, uma forma de exploração sexual, é alarmante no cotidiano das meninas, gerando consequências irreparáveis para a sociedade e para o desenvolvimento dessas meninas e mulheres. A pobreza, por si só, não pode ser considerada o único fator determinante da exploração sexual, havendo também questões como discriminação de gênero, disparidades econômicas e desinformação. Além disso, a exploração sexual associada à violência sexual expõe as vítimas ao risco de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez (Júnior, 2022). Diante dessa realidade, o autor destaca que as meninas e mulheres afetadas por esse cenário de vulnerabilidade sofrem impactos psicoemocionais que comprometem sua formação de identidade, desenvolvimento intelectual, psicomotor e social.

Problema de pesquisa

Como a mercantilização de corpos infantis, especialmente em meninas vítimas de exploração sexual na Ilha de Marajó, afeta os aspectos psicoemocionais e sociais destas vítimas, e quais são os fatores que contribuem para a perpetuação desses aspectos dentro da comunidade.

Objetivo

Explorar os impactos psicoemocionais e sociais da mercantilização de corpos infantis em meninas na ilha do Marajó, e mostrar os fatores que contribuem para a perpetuação dessa problemática.

Metodologia

Foi realizado um estudo descritivo por meio da análise de dados criminais e da seleção de cinco artigos que mencionaram as sequelas emocionais dessa experiência para o desenvolvimento psicossocial das vítimas; mesmo que essa ideia não se apresente como propósito principal desses materiais, que foram as questões sociais enfrentadas. Sobre os dados criminais, buscou-se descartar notícias anteriores a 2020, com a intenção de se ater aos elementos mais recentes.

Resultados alcançados

Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024), os registros de estupro de vulnerável e exploração infantil têm aumentado anualmente, destacando uma situação preocupante, especialmente para meninas em condições de vulnerabilidade social. No entanto, esses dados ainda não refletem plenamente a real extensão da exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil. Isso ocorre porque, apesar das punições previstas em lei para os envolvidos em processos de exploração sexual (3 anos de prisão), muitos fatores, como a insegurança, o medo e a vergonha – agravados pela falta de suporte familiar e social – impedem que muitas meninas denunciem os abusos, especialmente quando o agressor é um familiar ou alguém próximo (Sabóia, 2022). Esse contexto contribui para um quadro de subnotificação, dificultando tanto a responsabilização dos culpados quanto o acolhimento e o suporte especializado necessários para que as vítimas lidem adequadamente com as sequelas psicoemocionais dessas práticas.

Corroborando essa ideia, a pesquisa de Macedo (2021) revelou que meninas envolvidas na exploração sexual comercial não só sentem vergonha e frustração, mas também experimentam um sentimento de contentamento, acreditando que estão contribuindo para o sustento de suas famílias. Esse cenário evidencia a complexidade de combater o crime de exploração sexual comercial, especialmente em situações de extrema pobreza, onde as vítimas, muitas vezes crianças e adolescentes, enxergam a exploração como uma necessidade de sobrevivência, em vez de uma violação sexual. Esse quadro também ressalta como essas meninas são silenciadas pela sociedade, que tende a normalizar tais violações, ignorando os impactos psicoemocionais e sociais decorrentes. Muito desse olhar discriminatório é consequência das dinâmicas de poder, como as de gênero, pois, historicamente, a sociedade vê a mulher e/ou menina como objeto sexual, contribuindo para o silenciamento delas e a normalização da violação de seus corpos (Lima, 2024).

Entre as possíveis consequências emocionais, psicológicas e sociais dessa prática, Sellin, Santos e Barros (2024) destacam o desenvolvimento de transtornos como estresse pós-traumático, ansiedade e depressão, além de dificuldades de socialização, isolamento, baixa autoestima e, em casos mais graves, tendência ao uso de substâncias ilícitas e comportamento suicida. Além disso, frequentemente ocorre evasão escolar, marginalização social e risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis e de enfrentar gravidezes indesejadas, devido à falta de proteção adequada. Essas consequências podem se manifestar tanto a curto quanto a longo prazo, afetando significativamente a qualidade de vida das vítimas.

Em conclusão, a ênfase predominante nos agressores, em detrimento das consequências psicoemocionais sofridas pelas vítimas, revela uma preocupante escassez de pesquisas focadas nessa perspectiva. Isso sublinha a necessidade urgente de ampliar o debate sobre o impacto do trauma, promovendo políticas públicas que combatam a exploração sexual e ofereçam o suporte adequado às vítimas. Além disso, é fundamental dar visibilidade a essas meninas, que frequentemente são pouco abordadas pelo poder público e pela academia.